



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

ISSN: 1983-4683

actalan@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

## ‘Vossa Excelência me esqueça’: valores da concisão em uma designação midiática

**Kogawa, João**

‘Vossa Excelência me esqueça’: valores da concisão em uma designação midiática

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 41, núm. 1, 2019

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

**Disponível em:** <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307460649017>

**DOI:** <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.44161>

## 'Vossa Excelência me esqueça': valores da concisão em uma designação midiática

João Kogawa  
Universidade Federal de São Paulo, Brasil  
jmmkogawa@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v4i1.44161>  
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307460649017>

Recepção: 17 Agosto 2018  
Aprovação: 02 Abril 2019

### RESUMO:

Este artigo analisa, pela ótica da Análise do Discurso de linha francesa, os sentidos de laconismo. Tomamos como materialidade o enunciado 'Vossa Excelência me esqueça' – categorizado na página do Facebook do jornal Folha de São Paulo como lacônico –, pronunciado pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Ricardo Lewandowski. Este enunciado foi uma resposta à acusação de heterodoxia feita pelo ministro Gilmar Mendes, também do Supremo Tribunal Federal. Nossa objetivo é demonstrar de que modo a compreensão desta designação (isto que se diz é lacônico) se dá pelo funcionamento de um pré-construído que apaga/retoma uma memória. Nesse sentido, os efeitos de sentido atrelados à designação midiática do enunciado de Lewandowski estão arraigados em dizeres da Grécia Antiga (Esparta, em particular). Concluímos que ser lacônico, antes como agora, está associado a ser honrado, verdadeiro e íntegro.

**PALAVRAS-CHAVE:** pré-construído, memória discursiva, laconismo.

### ABSTRACT:

This paper analyzes, by the point of view of the Discourse Analysis of French line, the senses of laconism. We take as materiality the statement 'Your Excelency forget me' – categorized as laconic on the Facebook page of the newspaper Folha de São Paulo –, pronounced by the Brazil's Supreme Court minister Ricardo Lewandowski. This statement was an answer to the accusation of heterodoxy made by the minister Gilmar Mendes, also Brazil's Supreme Court member. Our objective is to demonstrate how the comprehension of this designation (this what you are saying is laconic) is due by the functioning of a preconstructed that erase/resume a memory. In fact, the sense effects of Lewandowski statement stems from the sayings on Ancient Greece (Sparta, in particular). We concluded that being laconic, before as now, is associated with to have honor, to be honest, to be true and to have integrity.

**KEYWORDS:** preconstructed, discursive memory, laconism.

### INTRODUÇÃO

Não raro, deparamo-nos com transmissões das sessões de julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF) nos mais variados meios de comunicação. Algumas passam em branco e delas não se fala. Outras são objeto de retomadas e tornam-se acontecimentos de dizer. Não se trata de um fenômeno novo, mas, com a atual instabilidade política pela qual o Brasil vem passando desde a reeleição da presidente Dilma Rousseff, seu processo de *impeachment* e a assunção do presidente Michel Temer, as manchetes dos jornais pulverizam nossos olhares com esse protagonismo do judiciário.

A repercussão às vezes é tão massificada que transforma a sessão em uma espécie de *Big Brother*. Diante desse espetáculo, selecionamos qual ministro é o preferido, qual mais se adéqua aos anseios do povo – ou qual menos se distancia deles –, qual é o mais capacitado, qual deveria sair dali e deixar o cargo, entre outros aspectos. Nesse sentido, assistimos a uma espécie de massificação da esfera legal na medida em que proliferam na mídia as transmissões, retomadas, avaliações e comentários a respeito do funcionamento da instância maior do judiciário brasileiro (o STF). O julgamento, mais do que um fato em si mesmo, embrenha-se nos comentários a seu respeito e de seus atores.

Isso se dá, atualmente, por meio de uma grande diversidade de plataformas. A Folha de São Paulo, por exemplo, que será objeto de nosso enfoque, tem uma versão impressa, uma versão digital, que é o retrato da

impressa (tanto esta quanto aquela são acessíveis via assinatura), uma versão on-line (pública e acessível por qualquer internauta) e, por último, uma página do Facebook (pública) que também divulga suas matérias. Em relação a esta última, basta curtir a página ([https://www.facebook.com/folhadesp/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/folhadesp/?ref=br_rs)) para que manchetes apareçam incessantemente em nossa *timeline*.

No dia 16 de novembro de 2016, pelo *Facebook*, às 17h00, a Folha de São Paulo postou uma chamada sobre um ‘bate boca feio’ entre os ministros do Supremo Tribunal Federal Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes. A chamada trazia o seguinte texto: “Gilmar e Lewandowski se acusam em bate-boca feio em julgamento no Supremo. Terminou com um lacônico: ‘Vossa Excelência me esqueça’, de Lewandowski para Gilmar”<sup>[1]</sup>. Chamou-nos a atenção na manchete a presença do termo ‘lacônico’, que aparece na chamada, acima do título da matéria. O termo serve como designador da resposta do ministro Lewandowski. Diante dessa emergência, este artigo é norteado pela seguinte questão: que efeitos de sentido podem ser apreendidos desse pré-construído materializado na/pela categorização midiática da fala do ministro e que memória é retomada nesse processo?

Nossa leitura parte da hipótese de que, ao categorizar o enunciado de Lewandowski como ‘lacônico’, a postagem da Folha de São Paulo faz funcionar um domínio de memória do laconismo que exige um olhar, ao mesmo tempo, linguístico e histórico. Eis o trecho que materializa precisamente o objeto de investigação deste artigo: “Terminou com um lacônico: ‘Vossa Excelência me esqueça’, de Lewandowski para Gilmar” (Folha de São Paulo, 2016).

Sob esse prisma, apresentamos uma interpretação, pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa (doravante ADF ou simplesmente AD), dos sentidos de ‘ser lacônico’. O enunciado em xeque é um recorte da discussão travada entre esses dois personagens que ocupam uma posição no discurso jurídico: o ministro Ricardo Lewandowski e o também ministro Gilmar Mendes. A discussão em que o enunciado emerge originalmente – que será considerada adiante para melhor esclarecermos certos aspectos do laconismo –, para ser retomado *a posteriori* pelo jornal, pode ser vista em: Políticos Brasileiros (2016).

O objetivo não é avaliar se Lewandowski está certo ou errado ou se ele ganhou o debate contra Gilmar Mendes; também não pretendemos criticar o judiciário ou descrever as estratégias argumentativas da Folha de São Paulo. Ao invés disso, partimos de uma das teses centrais da AD – o sentido não se origina no indivíduo<sup>[2]</sup> – para pensar, sob a ótica da longa duração histórica, a significação do ser lacônico. Para isso, voltamos a Plutarco (2003), em um primeiro momento para, a partir daí, refletirmos sobre os efeitos de sentido de ‘lacônico’ no texto da Folha de São Paulo. Destacamos que, embora o leitor da mídia não necessariamente recupere todo o domínio de memória aí inscrito, nossa análise das condições de emergência e formulação do enunciado evidencia esse funcionamento que, analiticamente, não pode passar despercebido.

## CONSTRUINDO UM DOMÍNIO DE MEMÓRIA PARA O ‘SER LACÔNICO’

Inicialmente, é importante marcarmos um duplo distanciamento. O primeiro, diz respeito à Linguística Histórica. Nesse sentido, ressaltamos que não é nosso objetivo aqui buscar o percurso de um termo ou de uma expressão para recuperar etimologicamente seu significado ou seu pertencimento a diferentes línguas. Não há qualquer interesse na ‘verdade original’ do termo lacônico ou de seu correlato ‘laconismo’. Vale destacar também que não estamos atribuindo identidade semântica a um termo, ou seja, não entendemos que laconismo hoje seja o mesmo que laconismo na Esparta do século V a.C. O Segundo distanciamento concerne aos Estudos Clássicos ou helenísticos. É preciso esclarecer que não estamos nos valendo da obra de Plutarco (2003) por seu caráter documental e/ou estilístico. Também não é parte da proposta qualquer tipo de tradutologia do grego para qualquer língua neolatina. O estudo que propomos visa tão somente demonstrar o funcionamento daquilo que Pêcheux denomina uma estranha familiaridade que advém da materialização do termo linguístico ‘lacônico’. O que propomos, portanto, é uma leitura e não uma verdade. Por isso, no duplo distanciamento que acabamos de fazer, encontra-se um ponto comum que é justamente

o colocar em suspenso a busca pelo ‘verdadeiro’ e pelo ‘original’. No lugar disso, optamos, discursivamente, pela mobilização de uma interpretação que se dá pela leitura indícios de uma memória que funciona mais por lacunas que por continuidade.

De acordo com Courtine (2009, p. 105, grifo do autor), o conceito de memória discursiva torna necessária uma articulação entre a AD e “[...] as formas contemporâneas de pesquisa histórica, que insistem no valor a ser atribuído à ‘longa duração’”. Sob a égide dessa premissa, a investigação sobre o sentido exige não apenas a descrição da estrutura material do enunciado, mas também das condições históricas de sua existência. Na perspectiva de longa duração, a história funciona por rupturas que singularizam as diferentes épocas ao mesmo tempo em que trazem, como condição para o novo, a retomada do já-dito. Para chegar a essa concepção do histórico, Courtine baseia-se em Foucault que, em *A ordem do discurso*, afirma:

[...] pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, ‘são ditos’, permanecem ditos e estão ainda por dizer (Foucault, 1999, p. 22, grifo do autor).

É nessa esfera dos “[...] discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles [...]” (Foucault, 1999, p. 22), que se situa, como domínio de memória, a obra de Plutarco (2003). A atribuição da característica (isto que se diz é lacônico) é fruto de uma escrita literária / histórica que guarda até hoje seu potencial discursivo de gerar novos enunciados. Plutarco, efetivamente, é objeto de uma série de retomadas para os mais variados fins. Foucault (2001), por exemplo, retoma constantemente a obra do filósofo de Queroneia em seus *Dits et écrits*, mais particularmente no *tome II*, para delimitar a relação entre subjetividade e verdade. No que nos diz respeito, é na obra plutarqueana, mais particularmente em seu tratado *Apophthegmes laconiens* (Apótegmas lacônicos) (Plutarco, 2003), que se encontra o cerne de um domínio de memória para interpretarmos os efeitos de sentido de ‘lacônico’.

Importante destacar alguns aspectos deste termo. ‘Lacônico’ é um adjetivo construído metonimicamente a partir de um substantivo próprio que nomeia uma porção territorial da Grécia conhecida como Lacônia ou Lacedemônia, situada no Peloponeso. Por essa lógica, tanto alguém, por pertencimento geográfico, pode ser considerado ‘lacônico’ (aquele que é proveniente da Lacônia / Lacedemônia), quanto um modo de construir enunciados (isto que x diz é lacônico). O adjetivo atende às duas utilizações. Nesse sentido, podemos interpretar que a palavra produz a extensão de aspectos geográficos singulares do Peloponeso a um ser de linguagem – laconismo (modo de se expressar por poucas palavras). Não se trata de determinar filologicamente a origem de um termo e seu(s) análogo(s) ou citar o responsável por sua construção, mas compreender analogicamente que, pela letra de Plutarco (2003), os lacônios não apenas são aqueles que pertencem à Lacônia, mas também aqueles que são responsáveis por um modo de enunciar que pode extrapolar os limites de seu território. Não fazemos, portanto, esta analogia (as características do lugar como um todo versus a especificidade de uma forma de falar) como um fim em si mesmo, mas para demonstrar que esse jogo linguístico (jogo homônimo homófono em que geografia e língua se entrecruzam) indica o sintoma de uma memória que fala ainda hoje. Não se trata de uma pura gramaticalidade responsável pela formação de uma palavra, mas de um olhar analógico que estabelece correspondência no discurso. Isso nos remete ao lugar que Saussure confere à analogia na fala, entendida aqui como discurso: “[...] tudo é gramatical na analogia; acrescentemos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala” (Saussure, 1979, p. 192).

O processo gramatical *tout court* da formação de adjetivos derivados, em nossa leitura, cede espaço para um olhar sobre o funcionamento de uma memória responsável por agenciar efeitos de sentido derivados de um percurso semântico que se estrutura da seguinte forma: ‘posição geográfica’ (Lacônia / Lacedemônia) > ‘pertencimento geográfico’ (lacônico / lacônio / lacedemônio) > ‘típico de um espaço geográfico’ (lacônico).

A linha de recorte metonímico estabelecida produz um efeito de sentido particular construído sobre um povo – os lacônios ou lacônicos – de uma região específica – a Lacônia –, qual seja, a de que este povo, conhecido por preconizar valores de honra, austeridade, honestidade e reflexividade, foi construído, nos textos de Plutarco (2003) especialmente, como arauto de uma economia do dizer. Esse destaque ao modo como os espartanos falavam deu-se apesar de outras marcas da austeridade espartana.

Xenophon (1946), em sua obra *Scripta minora*, destaca, por exemplo, características da aparência e da vestimenta dos espartanos tais como o cabelo comprido – que conferiam mais dignidade, terror e tamanho físico ao portador – e a capa vermelha – indumentária menos parecida com vestimentas femininas da época e mais apropriada à guerra. Para além do falar típico, os espartanos primavam também pela economia em diversos outros setores da atividade humana como, por exemplo, na vestimenta (uma túnica por ano), nos modos de se alimentar (pão e água, especialmente, nas batalhas), na forma de construir moradias (sem ornamentos), de demonstrar amor (sem exagero). Há, inclusive, ainda hoje, a designação ‘espartano’ para contextos em que se quer dizer que algo porta apenas o essencial. Essa designação é comum para se referir a automóveis<sup>[3]</sup>.

Apesar dessa multiplicidade que sustenta um domínio de memória da ‘economicidade’ sobre Esparta, suas práticas e costumes, o termo lacônico ficou restrito quase que exclusivamente ao modo de falar. É isso que podemos verificar em *Apotegmas lacônicos*, de Plutarco (2003), e é esse domínio de memória que sustenta efeitos de sentido fundamentais na categorização midiática da fala de Lewandowski. Ao se referir a algo praticado pelo ministro como ‘lacônico’, produz-se, de partida, um recorte semântico, ou seja, a reportagem não se refere a como ele está vestido ou comendo, mas a como ele fala em um determinado momento, em um determinado lugar a um determinado interlocutor. ‘Lacônico’ não aparece ali para designar o estilo de vida do ministro. A expressão ganha uma função precisa de quantificar a fala e, mais que isso, atribuir proporcionalidade ao quanto se fala face ao quanto se tem de virtude. Assim, quanto mais loquaz o discurso, menos virtuoso é o locutor; quanto menos loquaz o discurso, mais virtuoso o orador. Ao retomarmos a memória de Esparta em Plutarco (2003), a regra de proporcionalidade é, portanto, ‘A virtude é inversamente proporcional ao quanto se fala’. Esse é o efeito de sentido mais adequado ao modo como podemos recuperar as leis do laconismo em Plutarco (2003). O carro (ou outro objeto qualquer) – para retomarmos o exemplo do Corolla dado mais acima – pode ser espartano, mas nunca lacônico.

*Apotegmas lacônicos* (*Apophtegmes laconiens*) funciona como domínio de memória para a construção do laconismo estruturado na ideia de uma Esparta de guerreiros. Grandes feitos, grandes personagens e enunciados consagrados são, portanto, frequentemente associados a esta cidade-Estado e à sua superioridade bélica. Por essa superioridade, fundamentada no exercício da virtude e na austeridade típica de uma civilização voltada para a guerra, esta cidade estabelecia uma espécie de aliança desigual com as demais de sua região. Cartledge (2013) fala dessa diferença – devido, dentre outras coisas, à austeridade espartana – na Liga do Peloponeso<sup>[4]</sup>, em que a hegemonia espartana prevalecia:

Tecnicamente, portanto, a Liga do Peloponeso – na linguagem clássica, ‘os espartanos e seus aliados’ ou ‘os peloponesos’ – era uma simaquia desigual. Esparta era o *hégemón* ou líder, e os aliados eram os *summachoi*, comprometidos com o ataque e a defesa em nome e sob o comando do *hégemón*<sup>[5]</sup> (Cartledge, 2013, p. 75, tradução nossa, grifo do autor).

Esta marca cultural discursivizada a respeito dos lacedemônios – são virtuosos, guerreiros, econômicos, portanto, de poucas palavras – é, a nosso ver, o fio condutor desta memória discursiva do laconismo que permite interpretar o pré-construído na qualificação da fala de Lewandowski. É possível, a partir dos escritos plutarqueanos, estabelecermos uma arquitetura linguístico-discursiva deste objeto. O caminho de ‘Lacônia’ (substantivo inicial) a ‘lacônico’ (adjetivo final), em que o termo ‘lacônico’ remete, ao mesmo tempo, a ‘pertencente à região da Lacônia’ e a ‘um modo próprio de alguém ou algo expressar-se’, passa a significar, de forma independente, ‘tipo de enunciado’ (enunciado lacônico em “Terminou com um lacônico: ‘Vossa excelência me esqueça’”). A língua segue seu curso e, por contiguidade, nos conduz por uma linha

derivacional que acompanha as linhas de força dos povos distribuídos pela Lacedemônia. De um termo-região para a cidade-Estado e, enfim, para a emergência da qualificação 'lacônico', os *Apophtegmes laconiens* participam de um domínio de memória ativado pelo pré-construído:

Citação, recitação, formação do pré-construído: é assim que os objetos do discurso, dos quais a enunciação se apodera para colocá-los sob a responsabilidade do sujeito enunciador, adquirem sua estabilidade referencial no domínio de memória como espaço de recorrência das formulações (Courtine, 1999, p. 20).

Isto é, o 'lacônico' que emerge na reportagem da Folha de São Paulo (Turoollo Jr., 2017) funciona como pré-construído: a ausência de explicação ou de esclarecimento do enunciador a respeito do termo 'lacônico' coloca esta expressão linguística na ordem do já conhecido, do sabido, do pertencente à língua. Em outras palavras, "[...] dá seu objeto ao pensamento sob a modalidade da exterioridade e da pré-existência" (Pêcheux, 1997b, p. 111). Trata-se de uma espécie de evidência – todos sabemos o que é, afinal, está no dicionário (subentende-se aí, inclusive, algo como 'se você não sabe, consulte um'): "sm. 1. Maneira de falar ou escrever usando poucas palavras; brevidade; concisão [Antôn.: prolixidade, verbosidade. ][F.: Do gr. *lakonismós*,ou]<sup>[6]</sup>." No entanto, apesar da evidência (o laconismo emerge na ordem do já sabido), o 'lacônico' atribuído a Lewandowski na matéria apaga, ao mesmo tempo em que retoma, essa memória da virtude e seus pré-requisitos.

Sob essa perspectiva, a positividade do 'ser breve' mobiliza uma memória do saber filosófico que se configurou na cultura greco-romana dos séculos I e II d.C., notadamente, na obra de Plutarco (2003). Com efeito, sob a égide desse nome de autor, tratados morais, religiosos e historiográficos sintetizam uma vontade de verdade relativa à forma como os sujeitos devem falar. Em vários de seus tratados, o filósofo dedica-se a definir uma concepção de filosofia e de 'papel do filósofo' nos moldes platônicos, ou seja, pelo viés de uma antirretórica dedicada a regular a loquacidade. Destacamos a esse respeito, as obras *Sobre a tagarelice* (Plutarco, 2008) e *Como ouvir* (Plutarco, 2014), das quais não nos ocuparemos aqui, mas que exemplificam essa relação entre filosofia e silêncio em Plutarco.

Esse aspecto de sua obra encontra eco, no plano histórico-cultural, no legado narrativo de Esparta. Nesse sentido, boa parte da bibliografia relativa à cultura espartana tem, em Plutarco, um princípio de agrupamento. Se há um interesse filosófico pela história de Esparta, tal interesse se deve, especialmente, pelo modo como a sabedoria – exercício da virtude e da reflexão – estava associada ao expressar-se por poucas palavras ou laconismo. Isto posto, impõe-se uma inter-relação entre laconismo e os apotegmas registrados por Plutarco (2003) em *Apophtegmes Laconiens* (*Ἀποτέγματα Λακωνικά*). Com efeito, é pela narrativa de enunciados consagrados por reis e comandantes espartanos que o laconismo ganha materialidade. Os *Apophtegmes laconiens* são justamente uma coletânea de pequenas histórias em que um personagem secundário provoca o rei ou comandante espartano com uma pergunta que exigiria longa resposta. O retorno à provocação é sempre uma réplica curta, pragmática e desprovida de justificativas. Em um desses apotegmas, por exemplo, encontramos um laconismo de Leônidas proferido na Batalha das Termópilas. Quando, para expressar medo, o interlocutor interpela Leônidas para exigir uma solução diante da proximidade dos inimigos, que eram em maior número, o rei responde com uma postura pragmática, simples e corajosa – virtude bastante valorizada em Esparta e entendida como capacidade de abrir mão da própria vida em prol da nação. Eis o apotegma com o laconismo de Leônidas: "4. Um outro tendo dito: 'Estão perto de nós', 'Então nós também deles', ele replicou<sup>[7]</sup>" (Plutarco, *Apophtegmes laconiens*, 225B, tradução nossa).

O cenário construído pela narrativa da Folha de São Paulo (2016) em sua página do Facebook remete, nesse sentido, a uma espécie de apotegma moderno. A estrutura de interlocução é bem simples: Gilmar provoca, Lewandowski responde à espartano. É por isso que pensar os efeitos de sentido do termo 'lacônico' exige de nós um retorno a Plutarco (2003) e à sua obra. Uma rápida pesquisa na internet sobre o termo 'apotegma', bem como pelos termos 'laconismo' e 'lacônico' terão como resultado, ao menos, uma menção ao texto plutarqueano e, com efeito, foi essa presença que nos direcionou para este nome de autor como constitutivo de uma memória sobre o laconismo que vimos atualizado no enunciado da Folha de São Paulo. Não se trata de resgatar a genialidade de um fundador ou desvelar a particularidade de um estilo literário, mas

de construir um percurso, à luz do conceito de memória discursiva, que nos guie por uma história do saber sobre o laconismo como signo de virtude.

Nosso objeto exige, ao mesmo tempo, um olhar linguístico e histórico, ou seja, discursivo. O laconismo, constructo substantivado, atrela-se aos apotegmas lacônicos, pois, é no interior destas pequenas histórias com contexto mais amplo que ele aparece como fala pontual – muitas vezes em discurso direto, como no recorte da Folha de São Paulo que analisaremos a seguir – de um grande personagem histórico: Licurgo, Lisandro, Leônidas e tantos outros. Apotegma e laconismo guardam essa positividade do ser breve e têm essa característica assentada nos domínios de um saber filosófico que se opõe ao discurso da retórica sofística eloquente (Anderson, 2016).

## PRÉ-CONSTRUÍDO, DOMÍNIO DE MEMÓRIA E LACONISMO NO ENUNCIADO POLÍTICO

A estrutura em discurso direto é comum na construção de um apotegma e, nessa estrutura, a fala entre aspas ou inserida por travessão do personagem a quem se atribui a palavra é o que se denomina laconismo. Em *Apophthegmes laconiens* (Plutarco, 2003), é possível destacar os elementos que compõem uma espécie de ‘pequena história’ em que emerge uma fala de sabedoria pontual, curta e terminativa. Eis um exemplo de laconismo pertencente a um apotegma atribuído por Plutarco a Agesilau<sup>[8]</sup>: “Alguém, louvando um orador por seu talento em amplificar as pequenas coisas, ‘Não considero bom sapateiro o que coloca sapatos grandes em pé pequeno’, declarou ele<sup>[9]</sup>” (Plutarco, *Apophthegmes Laconiens*, 208C, tradução nossa)

O texto é composto por dois lugares de fala: i) um narrador que retoma o feito do homem ilustre (Agesilau) por meio daquilo que ele disse; ii) a fala atribuída a esse personagem transcrita sob a forma de citação direta, ou seja, é ele próprio quem fala. É esta fala atribuída que entendemos por laconismo. No que analisamos do enunciado da Folha de São Paulo (2016) temos: i) o sujeito jornalista/postador de rede social que descreve um contexto maior de enunciação (o ‘bate boca’): “Terminou com um lacônico [...]”; ii) a citação direta atribuída a Lewandowski: “Vossa excelência me esqueça”. O discurso direto é uma das marcas importantes do funcionamento do apotegma, essa pequena história em que o laconismo emerge. Com efeito, a figura do narrador aparece como atribuidor de palavra e a ‘personagem célebre’ ocupa um lugar de sapiência diante de seu interlocutor.

O laconismo atribuído a Lewandowski ao responder à acusação de heterodoxia retoma e reforça o efeito de sentido de positividade da economia do dizer própria ao regime de dizibilidade espartano. Não apenas isso, mas principalmente, depreendemos – pelo fato de o texto da Folha de São Paulo (2016) definir, em seu enunciado no Facebook, a resposta de Lewandowski como ‘lacônica’ – um efeito de sentido de distinção entre duas posições sujeito: i) de um lado, o tagarela, o tergiversador, aquele que pede vistas a um processo depois de ter proferido seu voto, o que hesita, o que não tem convicção de suas ações: o heterodoxo; ii) de outro, o conciso, o positivo, o que sustenta sua decisão, o convicto que sabe em que está votando e não volta atrás: o ortodoxo. E vale destacar que à AD não interessa: i) se a Folha de São Paulo tinha intenção de denegrir ou exaltar a imagem de um ou de outro ministro, ou ainda, se o jornal quis retomar a história da filosofia plutarquena; ii) se Gilmar Mendes é ou não é, de fato, hesitante; iii) se Lewandowski é ou não é melhor argumentador que Mendes; iv) se os dois ministros são inimigos; v) se um está certo e o outro errado; vi) a intenção dos legisladores em ser ortodoxo ou heterodoxo.

A íntegra da matéria da Folha de São Paulo a que a chamada do *Facebook* remete foi escrita por Reynaldo Tuollo Jr. (2016) e descreve da seguinte forma o bate-boca:

A discussão começou quando Lewandowski chamou de ‘inusitada’ a posição de Gilmar de pedir vista após ter proferido seu voto. Gilmar rebateu a provocação, dizendo que é Lewandowski quem adota posições ‘heterodoxas’, como teria feito no Senado – alusão ao julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em agosto, quando a votação foi fatiada. ‘Basta ver o que vossa excelência fez no Senado’, disse Gilmar. ‘Basta ver o que vossa excelência faz diariamente nos jornais’, respondeu Lewandowski. ‘Faço,

inclusive, para reparar os absurdos que vossa excelência faz', replicou Gilmar. Absurdo, não, vossa excelência retire o que disse, vossa excelência está faltando com decoro não é de hoje. Eu repilo, repilo qualquer... Vossa excelência, por favor, me esqueça", disse Lewandowski. "Não retiro", concluiu Gilmar<sup>[10]</sup>.

Cabe esclarecer um ponto sobre nosso objeto de análise na medida em que há uma diferença espacial entre a citação anterior e o enunciado que define a fala do ministro como lacônica. Já dissemos anteriormente que nos centramos na postagem que o jornal fez em sua página oficial do *Facebook*<sup>[11]</sup>. No entanto, há duas plataformas interconectadas e praticamente funcionando como uma só. O post do *Facebook* não tem um texto longo desenvolvido. Aparecem apenas as fotos de Lewandowski e Gilmar em um quadro bipartido (Lewandowski à esquerda e Gilmar à direita do quadro) e os seguintes enunciados verbais: i) acima da foto: "Terminou com um lacônico: 'vossa excelência me esqueça'", de Lewandowski para Gilmar"; ii) abaixo da foto: "Gilmar e Lewandowski se acusam em bate-boca feio em julgamento no supremo" Folha de São Paulo (2016). Uma das características do post é que sua autoria é institucional, ou seja, a Folha de São Paulo aparece como autora da postagem de 26 de novembro de 2016. Correlativamente a este post, ao clicarmos no link ativo a ele associado, somos direcionados para a matéria produzida por Reynaldo Turoollo Jr., que contém uma narrativa mais extensa – matéria completa – do acontecimento. Na versão desenvolvida (Turoollo Jr., 2016) – da qual reproduzimos o trecho mais importante acima – não aparece a categorização da fala de Lewandowski como 'lacônica'. Tal designação só ocorre no post do *Facebook* (Folha de São Paulo, 2016). No entanto, na matéria completa, podemos recuperar elementos que nos levam a acompanhar o percurso que vai da discussão (que tem trechos citados por Turoollo Jr.) à categorização como lacônico (na postagem da rede social).

A isso, é preciso acrescentar o debate na íntegra – disponível no canal do Youtube (Políticos Brasilieros, 2016) –, relevante para destacar alguns pontos que, a nosso ver, inter-relacionam-se com o 'lacônico' atribuído pelo jornal à fala de Lewandowski. Temos, dessa forma, o seguinte percurso, que vai do mais extenso ao mais sintético: debate na íntegra (*Youtube*) > matéria de Turoollo Jr. > post do *Facebook*. Para chegar ao nosso objeto específico, passamos, portanto, por duas instâncias: a do acontecimento propriamente dito e a da narrativa jornalística – sob a forma de notícia – a respeito desse acontecimento. Isso nos permite levantar a seguinte questão: que efeito de sentido deriva – em que pesem todos os argumentos e acusações apresentados tanto por Gilmar quanto por Lewandowski – do recorte feito pelo jornal na rede social em que a categorização 'lacônica' aparece como efeito de síntese da fala do ministro? Por que esta forma e não outra?

Primeiramente, como já apontamos anteriormente, não tratamos o caso como matéria de deliberação individual/consciente do jornal. Reconhecemos que um meio de comunicação é responsável pelo que ali está disposto (textos não nascem do nada) e, por extensão, pela categorização da fala de Lewandowski como lacônica. No entanto, não é esse o ponto mais relevante. Se há a categorização, ela se deve muito menos à vontade individual da Folha de São Paulo do que ao funcionamento de uma memória que se atualiza no pré-construído que tentamos elucidar. A presença do termo 'lacônico' no enunciado denota o encontro do sujeito com "[...] o impensado de seu pensamento, impensado este que, necessariamente, pré-existe ao sujeito" (Pêcheux, 1997b, p. 102). Poderíamos parafrasear o enunciado da Folha de São Paulo (Turoollo Jr., 2016) da seguinte forma: 'É evidente que/sabe-se que foi um lacônico: 'vossa excelência me esqueça''. De acordo com Courtine (2009, p. 74, grifo do autor?), "O pré-construído remete assim às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: 'o que cada um sabe' e simultaneamente 'o que cada um pode ver' em uma dada situação".

É nessa retomada pela atualização de uma suposta evidência que se concretiza no laconismo a oposição semântica entre virtude x vício. Essa leitura só pode ser recuperada – e com isso podemos apresentar uma leitura para o funcionamento do pré-construído – por um retorno a Plutarco (2003) e às bases do laconismo. Nesse quadro filosófico, o sujeito lacônico está imbricado com a virtude, com a moral, com a antirretórica própria daquele que conhece, é honesto, verdadeiro. Eis reestabelecido o elo entre filosofia e verdade postulado por Platão e retomado por Plutarco (2003) como a oposição necessária entre o filósofo (aquele que busca a verdade) e o sofista (aquele que busca o convencimento da verdade). No contexto do

debate do STF, a virtude – teatralizada pela designação midiática ‘lacônico’ – implica ortodoxia e o vício – marcado pelo embuste, pela verborragia, pela hesitação e pelo ‘voltar atrás à palavra dada’ (ou ao voto dado) – corresponde à heterodoxia. A esse respeito, vale retomar do registro audiovisual disponível no *Youtube* (Políticos Brasileiros, 2016) algumas outras expressões fortemente assentadas na esfera moral – algumas não recorrentes na narrativa midiática – utilizadas para defesa da ortodoxia/ataque à heterodoxia, tais como ‘ponto de honra’, ‘graças a Deus’, ‘faltar com decoro’ (= ser indecoroso).

Os sentidos de ‘ser heterodoxo’ são discursivizados como negativos (é imoral) por uma relação direta entre ser verborrágico e uma memória discursiva do laconismo como economia necessária do dizer que se pretende verdadeiro. Heterodoxia na cena descrita pela reportagem funciona como uma ofensa e está associada a não seguir uma praxe, fugir de um padrão. Ser ortodoxo é ‘ponto de honra’ e qualidade que se deve ‘agradecer a Deus’ (Políticos Brasileiros, 2016). Face à incerteza, à indecisão, ao pedido de vistas a um processo depois de voto manifesto, o lacônico: ‘Vossa Excelência me esqueça’.

Os personagens descritos por Plutarco (2003) em seus *Apophthegmas* possuem como característica terem sido grandes líderes – como, aliás, também podem ser considerados, no contexto nacional, os membros do STF – e os dizeres desses líderes constroem uma espécie de “identidade” linguística espartana, qual seja, a de ser um povo pouco afeito a grandes atos eloquentes que eram não apenas perda de tempo, mas corrupção moral, signo da inépcia e da mentira. No domínio de memória – já apontado na subseção anterior deste artigo – construído pela obra de Plutarco (2003), Esparta foi o grande reduto do laconismo, valorado como materialização do saber e alternativa ao paradigma da expressão em voga na democracia ateniense<sup>[12]</sup>.

O laconismo, portanto, é um enunciado típico de um regime oposto à democracia. Enquanto o regime diárquico espartano pode ser definido, no que diz respeito ao modo de expressão, como conciso, a democracia oferece mais espaço à expressividade tagarela. E não se trata de compreender o laconismo como ‘típico ou exclusivo de regimes opressores’ ou de valorar a democracia como ‘mais justa’ e a diarquia como ‘menos justa’, mas de apreender um regime de dizibilidade na positividade de uma economia<sup>[13]</sup>. No contexto do enunciado ‘faceboequiano’ da Folha de S. Paulo (2016), podemos inferir a seguinte pergunta prática: ‘Para que perder tempo argumentando com um tagarela, um hesitante, um heterodoxo?’ O laconismo – inserido na estrutura apotegmática que lhe é própria – construído pelo narrador midiático participa de uma antirretórica, ou seja, refuta a eloquência e visa à economia de tempo. Do muito que foi afirmado e argumentado, retem-se: ‘Vossa excelência me esqueça’.

Como já dissemos em outro lugar (Kogawa, 2014), o laconismo funciona, dentre outros, nos seguintes eixos: (i) intelectualmente, a resposta curta, ao contrário do que parece, produz um efeito de sapiência; (ii) estrategicamente, o laconismo demanda um ‘jogo de imagens’ (Pêcheux, 1997a) entre interlocutores: Lewandowski – como Agesilau, em alusão ao orador que amplifica o objeto de seu dizer com a eloquência, se nega a louvar um sapateiro que confecciona sapatos maiores que os pés que vão calcá-los – ocupa uma posição de quem sabe com quem está falando; (iii) o contexto de emergência é, quase sempre, de intempérie: situações de ‘batalha’, de provação e/ou ‘sofrimento’. No enunciado que analisamos, a cena é de peleja argumentativa em torno de um recurso apresentado ao STF sobre a incidência ou não de contribuição previdenciária e diante do qual a hesitação de um dos membros do STF – que vota e depois pede vistas ao processo – leva à acusação de heterodoxia como sinônimo de não respeitabilidade de um rito; (iv) economicamente, essa forma enunciativa implica ganho temporal. Além disso,

[...] o resultado desse dizer podem ser efeitos de sentido de comicidade; não porque o cômico seja ‘inerente’ ao lacônico, mas porque, não raro, diante de situações complexas, espera-se que haja um discurso extenso, elaborado e eloquente assim como uma apresentação do problema, elucidação da questão e exposição das justificativas. No laconismo, a justificativa não existe nem tampouco a possibilidade de tréplica. É uma espécie de ‘pedra’ em cima da questão. Trata-se de uma resposta calculada, econômica, ‘descompromissada’ com determinadas convenções sociais e, quase sempre, convincente. Suscita a adesão – por efeitos de admiração ou constrangimento – do interlocutor. É inquestionável (Kogawa, 2014, p. 370, grifo do autor?).

Essa complexidade atualiza-se no enunciado inscrito na Folha de São Paulo (2016) no registro audiovisual que retrata a discussão entre os ministros recuperada pelo texto jornalístico, ressalta-se ainda o seguinte enunciado, proferido por Lewandowski: "Eu, graças a Deus, não sigo o exemplo de Vossa Excelência em matéria de heterodoxia, viu, graças a Deus. E faço disso um ponto de honra" (Políticos Brasileiros, 2016). Com efeito, subjaz ao laconismo, uma relação entre o quanto se diz e o quanto honrado se é. Na oposição entre uma retórica da expressão e o laconismo, este último evoca a memória da honestidade, integridade, honradez e, principalmente, da verdade.

À diferença da eloquência sofística que faz funcionar a amplificação ('sapatos maiores que os pés', para retomarmos a metáfora plutarqueana atribuída a Agesilau), o laconismo atualiza a redução do dizer entendida como adequação da matéria à sua enunciabilidade: sapatos do tamanho dos pés; nem maiores, nem menores. Isto é, quanto mais se fala, mais falso parece; quanto menos se fala, mais verdadeiro parece. No discurso de concisão, é sempre a economia que se positiva e nunca o excesso. A simplicidade austera do soldado espartano em detrimento da sofisticação luxuosa do burocrata do sofista. O lacônico imobiliza o tagarela e é, efetivamente, para retomarmos uma das falas de Lewandowski, um 'ponto de honra'.

## CONCLUSÃO

Este artigo tratou de um falar sobre. O enunciado midiático de rede social analisado é uma espécie de síntese do que ocorreu em uma sessão do STF em 2016. Dessa forma, constrói-se um jogo de idas e vindas em que as falas dos ministros Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes imbricam-se no relato jornalístico a partir de três espaços: i) o Facebook (versão sintetizada); ii) o portal de notícias da Folha de São Paulo (site com a matéria na íntegra); iii) o Youtube, com o registro tal qual da discussão. Nosso objeto, portanto, foi a construção midiática resumida da sessão. No entanto, a compreensão dos valores atrelados a expressão 'lacônico' – objeto de nossa investigação – exigiu um paralelo com aquilo que a síntese resumia, a saber, a discussão em si e um relato mais extenso dela.

Nesse sentido, as versões mais estendidas do acontecimento encerram valores que permitem reforçar ainda mais os efeitos de sentido derivados da expressão 'lacônico', materializada como designador da resposta dada pelo ministro Lewandowski ao também ministro Gilmar Mendes. Nesse contexto, irrompe, no laconismo 'Vossa Excelência me esqueça', a concisão. Quando tudo aponta para a 'o excesso esperado de sempre' – afinal, é de uma discussão do STF que se trata – o contexto de tensão do debate faz irromper a economia.

E não se trata de qualquer economia, mas um tipo consagrado que remete à memória dos grandes líderes de Esparta. O 'Vossa excelência me esqueça' funciona mais ou menos analogamente aos proferimentos de Leônidas, Agesilau e Lisandro – reis de Esparta (lugar de memória do laconismo) – em momentos de disputa. Esta retomada, portanto, impõe-se pelo funcionamento de uma memória discursiva que, ao mesmo tempo em que se faz repetir, também faz irromper a raridade do enunciado.

O laconismo diz respeito à própria existência do enunciado, sua forma e estrutura (um ser de linguagem stricto sensu); a linguagem alçada a uma existência independente, plena e quase autoexplicativa; do espaço geográfico circunscrito (Lacônia) à materialidade linguística universalizada como uma espécie entre os enunciados (laconismo). Ao seu porta-voz, o laconismo atribui virtudes como honestidade, sinceridade, convicção, coragem e, por extensão, a palavra verdadeira.

A partir disso, concluímos que o laconismo, embora não seja a tônica de nosso momento histórico nacional, ganha forma no perfil de Facebook da Folha de São Paulo e, funcionando como pré-construído, suscita a retomada dos valores associados à economia do dizer construídos desde a Grécia Antiga (Espanha): ser lacônico, lá como cá, carrega efeitos de sentido de ser honrado, ser sincero, ser verdadeiro e íntegro. Ao retomarmos a discussão entre os dois atores do discurso jurídico, Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes, tais valores associam-se ainda a ser ortodoxo que, por sua vez, identifica-se semanticamente com seguir as regras e ritos próprios ao discurso jurídico.

## REFERÊNCIAS

- Anderson, G. (2016). *The second sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*. New York, NY: Routledge.
- Aulete Digital. (2018). Recuperado em 01 de julho de 2018 de <http://www.aulete.com.br/laconismo>
- Cartledge, P. (2013). *The spartans: an epic history*. Cambridge, UK: Pan Books.
- Courtine, J.-J. (1999). O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In F. Indursky, & M. C. L. Ferreira (Org.), *Os múltiplos territórios da análise do discurso* (p. 15-22, M. R. Rodrigues, trad.). São Paulo, SP: Sagra Luzzatto.
- Courtine, J.-J. (2009). Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: Edufscar.
- Folha de São Paulo. (2016, 16 de novembro). Gilmar e Lewandowski se acusam em bate boca feio em julgamento no Supremo [atualização de status do Facebook]. Recuperado de <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/1544062325635765>
- Foucault, M. (1999). *A ordem do discurso* (L. F. Sampaio, trad.). São Paulo, SP: Loyola.
- Foucault, M. (2001). *Subjectivité et vérité*. In M. Foucault, *Dits et écrits, tome II* (p. 1032-1037). Paris, FR: Gallimard.
- Kogawa, J. (2014). Pensando o laconismo no discurso publicitário. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 36(4), 365-374. Doi: 10.4025/actascilangcult.v36i4.22784
- Pêcheux, M. (1997a). Análise automática do discurso (AAD-69). In F. Gadet, & T. Hak (Org.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (p. 61-162). Campinas, SP: Unicamp.
- Pêcheux, M. (1997b). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Pontes.
- Plutarco (2001). *Vies Parallèles* (Traduction d'Anne-Marie Ozanam). Paris, FR: Gallimard.
- Plutarco (2003). *Apophthegmes laconiens*. In Plutarque, *Oeuvres morales, tome III. Texte établi et traduit par François Fuhrmann* (p. 128-253). Paris, FR: Belles Lettres.
- Plutarco. (2008). *Sobre a tagarelice e outros textos* (Mariana Echalar, Trad.). São Paulo, SP: Landy.
- Plutarco. (2014). *Como ouvir* (João Carlos Mendonça, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Políticos Brasileiros (2016, novembro 16). Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes batem boca em julgamento no STF [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=hRRSXp226to>
- Ramos, M. (2017, 2 setembro). *Teste Toyota Corolla: tiozão sem crise da meia idade*. Hoje em Dia. Recuperado de <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/hd-auto/teste-toyota-corolla-tioz%C3%A3o-sem-crise-da-meia-idade-1.556245>
- Saussure, F. (1979). *Curso de linguística geral*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Turollo Jr., R. (2016, 16 de novembro). Gilmar e Lewandowski batem boca em julgamento no Supremo. Folha de S. Paulo. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1832704-gilmar-e-lewandowski-batem-boca-em-julgamento-no-supremo.shtml?cmpid=facefolha>.
- Xenophon. (1946). *Scripta minora* (E. C. Marchant, trad.). Cambridge, UK: William Heinemann/Harvard Press.

## NOTAS

[1] Folha de São Paulo (2016) Recuperado de <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/1544062325635765>.

[2] Isso implica que não está em questão a intenção de Lewandowski, sua conduta pessoal ou a de seu interlocutor, Gilmar Mendes; também não nos ocupamos do ‘editor ou do projeto editorial da Folha de São Paulo’. Do ponto de vista da AD, essas instâncias não são fonte do sentido, mas efeito de superfície do discurso.

[3] É possível encontrar essa designação na seguinte matéria a respeito do veículo Corolla, da fabricante Toyota (Ramos, 2017). Mais ao final, ao se referir à suspensão do veículo, a reportagem diz: “Sem revoluções, o conjunto de suspensão do Corolla é bem espartano [...]” (Ramos, 2017).

[4] Constituída nos séculos VI e V a.C.

[5] Technically, therefore, the Peloponnesian League – in ancient parlance ‘the spartans and their allies’ or ‘the peloponnesians’ – was a hegemonic symmachy of unequal type, Sparta was the hégemôn or leader, and the allies were summachoi, that is committed to both offence and defence on behalf of and at the behest of the hégemôn.

[6] Aulete Digital (2018).

[7]4. Un autre ayant dit: ‘Ils sont près de nous’, ‘Donc, reprit-il, nous aussi, près d’eux’.

[8] Um dos reis espartanos entre 400 a.C. e 360 a.C. A história de seus feitos é narrada em paralelo com a do romano Pompeu, na obra Vies parallèles (Vidas paralelas), de Plutarco (2001).

[9] Quelqu’un louant un orateur pour le talent qu’il avait d’amplifier les petites choses, ‘Je ne considère pas davantage, déclarat-il, comme un bon cordonnier celui qui met de grands souliers à un petit pied’.

[10] A íntegra do debate tal qual se passou pode ser assistida no canal Políticos Brasileiros (2016).

[11] Folha de São Paulo (2016).

[12] Para uma explicação mais detalhada dessa oposição entre Esparta e Atenas, ver Cartledge (2013)

[13] Não se trata de julgar os regimes políticos, mas de pontuar características – não exaustivas – de um e de outro. 7